

Letras *localistas*
Considerações de uma escritora teuto-brasileira*

Hilda Siri

Quando li o editorial do “Brasil-Post” nº 460, sobre a palestra e os esforços do Dr. Manfred Kuder em torno da literatura brasileira de expressão alemã, diversos pensamentos e lembranças assaltaram-me o espírito.

Vi a minha bisavó na minha frente, a maneira como ela me recitava os poemas que havia redigido por ocasião da inauguração de um cemitério, de uma festa popular dos atiradores ou de uma festa nacional... Ouvi os meus pais comentarem algo sobre os artigos de meu avô e meu tio-avô (que escreviam para o “Jornal da Colônia” os bate-papos sobre agricultura)... Também perpasso em pensamento os mais de duzentos artigos que escrevi para a página feminina do “Correio Serrano”, bem como os meus poemas, minhas histórias e peças de teatro já publicados, e tento estabelecer as relações disso tudo com o conceito de literatura brasileira de expressão alemã. Preciso confessar que, em relação a este assunto, os meus pensamentos não estão totalmente livres de amargura. Afinal, o que se alterou nestes cem anos no campo da literatura, em que no Brasil se publicaram em língua alemã livros, anuários e jornais? Desde o poema ocasional de minha antepassada até o poema em comemoração do dia 25 de julho da bisneta transcorreu aproximadamente um século, mas tanto este como aquele foram escritos a pedido. O mesmo é válido para os meus artigos mencionados acima. Na verdade, até mesmo os meus contos, em grande parte, foram redigidos sob essa circunstância.

Quem hoje quiser ver o seu trabalho literário impresso - e qual escritor não gostaria de vê-lo? - precisa escrever exatamente o que os senhores editores ou as instituições

* Tradução de Luana de Julio de Camargo. Revisão de Celeste Ribeiro de Sousa. Bodenstaendiges Schrifttum. Betrachtungen einer deutschbrasilianischen Dichterin. In: *Brasil-Post*, São Paulo, 24.10. 1959, p. 1-3.

fomentadoras da cultura germânica (*Deuschtum*) desejam do escritor. O mais fácil de publicar ainda são os “poemas e histórias *localistas*”, que se referem à imigração e ao destino dos imigrantes. A palavra *localista* me persegue durante os sonhos e também, mesmo em jejum, me causa ânsias. A meu ver, essa é uma palavra destinada a enrijecer e sufocar a verdadeira inspiração poética. Mas o que a maioria das pessoas entende por *localista*? Elas entendem um passado de aproximadamente trinta anos atrás, um período, em que aqui a cultura germânica (*Deuschtum*) se encontrava em pleno esplendor. E, às vezes, elas entendem por *localista* uma ilusão que nem corresponde a esse passado, nem possui atualidade. Para muitos, *localista* equivale ao nome coletivo que dá conta da luta dos primeiros imigrantes contra as adversidades da floresta virgem, do fatalismo das mulheres imigrantes, da ambição dos jovens por trabalhos intelectuais, das aventuras de mascates... numa palavra: faroeste como epopéia. Parece um milagre que ainda assim bons poemas e contos, até mesmo romances, tenham sido produzidos.

O Dr. Manfred Kuder constata com muito acerto que as únicas fontes são os jornais e os anuários. Ocupemo-nos primeiramente com os jornais. Eu presumo que nenhum escritor teuto-brasileiro confiaria uma de suas histórias, provinda da pura inspiração criativa, a um jornal para impressão. É bem provável que algo assim também não fosse impresso. Então, o que é publicado no jornal (até que ponto os nossos jornais permitem, de algum modo, o luxo de imprimir artigos originais e remunerados)? À exceção dos artigos políticos, agrários e de economia doméstica, na maioria das vezes, apenas alguns contos mais ou menos banais possuem alguma graça.

Com os anuários a situação não é, em se tratando de literatura, muito diferente. Como de costume, são procurados principalmente poemas que cantem o país e as pessoas, e histórias que devem ser extremamente ingênuas, a fim de não chocar nenhum leitor. É desse modo que, à maneira de um anel de ferro, se fecha o inexorável círculo ao pobre escritor, que tanto gostaria de ver os seus manuscritos impressos, pois isto pertence precisamente ao ofício da escrita, assim como o aplauso pertence ao ofício do teatro. E o escritor, quando inserido neste restrito círculo, tenta desentranhar o que há de melhor em si. Nas gavetas de meus colegas de trabalho encontram-se diversas pastas com as seguintes inscrições: histórias de jornal e artigos, poemas em comemoração ao dia 25 de julho, dia das Mães, Natal e Páscoa, histórias e poemas de anuário, traduções, etc. Bem mais embaixo está uma pasta arrumadinha sem nenhuma inscrição. Aí, nessa pasta, estão guardados os poemas, os contos e as histórias que não possuem qualquer perspectiva de publicação. Frequentemente, são trabalhos, menores e maiores, valiosos,

para os quais não se encontra editor e para os quais nem se dispõe de dinheiro suficiente para imprimi-los em editora privada.

Alguém no Brasil que procure pela autêntica literatura brasileira em língua alemã não a encontrará nos jornais e anuários, mas certamente nessas pastas sem inscrições.

Então muitos perguntarão: Por que o escritor ou a escritora não se dirige à Alemanha, aos jornais alemães e às editoras alemãs?

Quem entre nós já não o tentou? E com qual sucesso? O resultado dessas duas tentativas é, em sua maioria, praticamente nulo. A primeira barreira, desconsiderando-se a falta de relações apropriadas, está no nosso vocabulário relativamente limitado e na nossa maneira de expressão simples. A segunda barreira que, na Alemanha, se antepõe ao escritor daqui, está no fato de que nossa despreziosa e lânguida vida de poucas sensações não contenta mais os leitores e, sobretudo, os críticos na Alemanha atual. Desejam-se relatos puros de sensações, aventuras, exotismo e erotismo. Desejam-se histórias brasileiras, mas vistas com olhos de alemães da metrópole, com olhos de estrangeiros, que enxergam todas as minúcias a partir da comparação, e não dos fatos. E, além disso, o enredo dessas histórias não deve se desenrolar no sul do país e nem nas nossas tranqüilas e idílicas colônias alemãs, com nossas sistemáticas condições de vida. A modéstia de nossa vida desperta apenas incompreensão e desinteresse, o que me foi também suficientemente confirmado por viajantes brasileiros na Alemanha.

As duas primeiras barreiras poderiam, em determinadas condições, ser eliminadas. Convidar os poucos literatos teuto-brasileiros a visitarem, ao menos uma vez, a Alemanha não deveria representar uma difícil incumbência para o governo alemão. Desse modo, poderíamos assistir a palestras didáticas e, sobretudo, teríamos a oportunidade de ouvir a língua alemã corretamente falada; quer no dia a dia, quer no teatro, quer nas palestras didáticas ou em cursos regulares. Depois de uma visita de um trimestre ou de meio ano à Alemanha, o sentido da essência de nossa vida cotidiana revelar-se-ia para muitos de nós. Em seguida, talvez fosse possível superar também a terceira barreira, que nos separa do público leitor alemão. Por meio de uma boa linguagem e de um bom estilo, nós conseguiríamos ultrapassar essa distância e, desse modo, tornar palatável aos exigentes leitores europeus a singela substância de nossa vida singela.

Basta de sonhos! Retornemos para o nosso dia-a-dia! Enquanto não se encontrar alguém que se disponha a imprimir mais do que trabalhos produzidos a pedido, e não existir alguém que valorize a boa produção literária, enquanto isto não acontecer, dificilmente

se poderá falar, aqui no Brasil, de literatura brasileira de expressão alemã. Também as ocasionais premiações literárias não modificarão em nada a situação. Da mesma forma, as poucas obras que conseguiram ser publicadas, até mesmo na Alemanha, não modificam esta minha afirmação. A autêntica literatura brasileira de expressão alemã, a qual se pode realmente classificar como expressão da alma de nosso povo, encontra-se ainda soterrada nas gavetas de nossos escritores. Quem a publicará?